

## **OS MORTOS E O CHORO: SABEDORIA ANCESTRAL COMO PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS KRAHÔ**

### **RESUMO**

Este projeto investiga os rituais funerários do povo Krahô, com foco nas práticas de luto, especialmente o "choro das mulheres", durante os rituais de passagem para diferentes idades (crianças, jovens, adultos e idosos). A pesquisa, baseada em uma abordagem qualitativa e bibliográfica, utiliza autores como Victor Turner, Cunha e Melatti para analisar os significados e etapas desses rituais. Identifica-se que os rituais Krahô são estruturados em três fases: separação, eliminação e reintegração, refletindo a transição do falecido para o mundo espiritual e a readaptação dos vivos. O "choro das mulheres" emerge como um elemento crucial para expressar o luto e reforçar os laços comunitários, além de perpetuar a identidade e os valores culturais dos Krahô. Os rituais funerários também desempenham um papel na preservação da memória e na manutenção das tradições culturais, evidenciando a importância dessas práticas na vida social e espiritual da comunidade.

**Palavras-chave:** rituais funerários, luto, rituais de passagem, tradições indígenas.

### **INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA**

Os rituais fúnebres desempenham um papel fundamental na organização social e cultural de diversas sociedades, refletindo os valores e crenças de cada grupo. Entre os povos indígenas, esses rituais não apenas marcam a separação entre vivos e mortos, mas também funcionam como processos de integração social e manutenção de tradições. Este estudo se concentra nos rituais de luto dos Krahô, com ênfase no "choro das mulheres" durante cerimônias fúnebres, investigando como essa prática se manifesta em rituais de passagem para crianças, jovens, adultos e idosos. Para embasar nossa análise, recorreremos aos estudos de autores como Cunha (1978), Melatti (1978), Victor Turner (1974), Silva (2005), Rodrigues (1983), Meneses e Gomes (2011), Castro (2008), Santos (2009), Nimuendajú (1956) e Beltrão et al. (2015). Essas obras exploram a complexidade dos rituais de morte e suas implicações culturais, destacando a morte como parte de um processo maior de interação social, comunicação simbólica e perpetuação de valores culturais. Segundo Turner (1974), os rituais de passagem envolvem etapas de separação, margem (liminar) e reintegração, momentos em que o indivíduo transita entre diferentes estados sociais e identitários.

Isso justifica porque os rituais funerários dos Krahô são entendidos como momentos de transição e recomposição social, onde os mortos são inseridos em um novo contexto espiritual e os vivos se reorientam socialmente. Silva (2005) destaca que esses rituais não são apenas despedidas, mas também momentos de reafirmação da identidade comunitária, onde os valores e normas da sociedade são transmitidos e reforçados. Castro (2008) argumenta que os cemitérios e locais de inumação perpetuam a memória, proporcionando um elo contínuo entre vivos e mortos, enquanto Rodrigues (1983) afirma que a consciência da morte molda as práticas sociais e culturais. Entre os Krahô, o choro das mulheres durante os funerais é um aspecto central que expressa o luto e reafirma a identidade coletiva. Melatti (1978) detalha a complexidade desses rituais, ressaltando o dinamismo e a integração dessas práticas culturais.

## **OBJETIVOS**

### **2.1- OBJETIVO GERAL**

O objetivo geral deste trabalho é compreender e analisar os rituais fúnebres e o papel do luto entre os Krahô, com foco nas manifestações de choro das mulheres durante os rituais de morte, abrangendo diferentes fases da vida – crianças, jovens, adultos, e idosos – e como essas práticas se inserem e influenciam a estrutura social e cultural da comunidade. A partir de uma fundamentação teórica baseada nos estudos de autores como Victor Turner, Cunha, Melatti, e outros, buscamos identificar os elementos simbólicos, sociais e culturais que estruturam esses rituais, destacando o significado do choro e das práticas de luto, e como elas contribuem para a manutenção das identidades, vínculos e a continuidade cultural dos Krahô.

### **2.2- OBJETIVO ESPECÍFICO**

2.2.1. Analisar os rituais de choro e funerários das mulheres Krahô com base nas contribuições teóricas de Cunha (1978), Melatti (1978), Turner (1974) e outros autores, para compreender as fases dos rituais de passagem e suas implicações socioculturais, a fim de desenvolver materiais educativos que integrem esses conhecimentos nas práticas pedagógicas das escolas Krahô.

2.2.2. Levantar e documentar as práticas e significados dos rituais funerários Krahô para crianças, jovens e idosos, com o objetivo de criar um banco de dados de conhecimento ancestral que possa ser utilizado na elaboração de conteúdos disciplinares sobre os rituais de passagem e a morte nas escolas das aldeias Krahô.

2.2.3. Colaborar na criação e organização de material didático para professores e alunos Krahô, incorporando aspectos das práticas funerárias e rituais de choro. A abordagem deve considerar a sistematização das práticas culturais e linguísticas Krahô, assim como a integração do uso da língua materna e do português nas atividades pedagógicas, para fortalecer o ensino e a preservação cultural nas escolas Krahô.

### **3- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A fundamentação teórica que dá sustentação a nosso trabalho está voltada para os autores que realizaram pesquisas sobre os rituais indígenas, mais especificamente, voltados para o Choro e os mortos. Para isso, buscamos então, entender como se dá o choro das mulheres Krahô nos rituais fúnebres, quer seja de criança, jovens, adultos ou velhas e velhos sábios. Para tanto, apoiamos-nos nos seguintes autores: Cunha (1978), Melatti (1978), (Victor Turner (1974), Silva (2005), Rodrigues (1983), Meneses; Gomes (2011), Castro, (2008) Santos (2009), Nimuendajú (1956) e Beltrão ( *et al.* 2015)

Portanto, para compreender o ritual de passagem é obrigatória a leitura de Victor Turner (1974). O primeiro, rituais de passagem seriam todos "os ritos que acompanham qualquer mudança de lugar, estado, posição social ou idade". Tais rituais de "transição" apresentariam três fases: 1) separação ou ruptura – fase inicial, compreende o comportamento simbólico que se refere ao afastamento do indivíduo ou do grupo; 2) margem ou liminar – durante esse período o estado do indivíduo é ambíguo, um espaço de trânsito, ocorrendo a suspensão de papéis; 3) agregação ou reintegração – o indivíduo volta a estar na condição estável, com direitos e deveres definidos. Van Gennep foi referência para Turner, que desenvolveu um novo modelo de estudo dos rituais de passagem, composto por quatro fases: 1) separação ou ruptura - quebra de algum relacionamento considerado crucial por parte do grupo social 2) crise e intensificação da crise - aponta para a fragmentação do grupo 3) ação remediadora - consiste na tentativa de reconciliação ou ajustes entre os grupos envolvidos e 4) reintegração, desfecho final, que pode ser trágico, levando à total divisão social.

Para Rodrigues (1983), a consciência da morte está ligada à domesticação, à vida em sociedade humanamente organizada. O homem tem consciência de que sua estada sobre a Terra é precária, efêmera. A consciência da morte é uma marca da

humanidade, um produto das relações sociais. As imagens que os cristãos se fizeram da morte, da vida e da imortalidade variaram no tempo.

Melatti (1978) descreveu em torno de quarenta rituais Krahô, e ao fazer isso já levantava a questão da dificuldade em classificá-los de modo explícito, e com precisão, pois os próprios indígenas Krahô não apresentavam as ações necessárias para que o ato fosse considerado um ritual. Para esse autor, o principal objetivo do seu trabalho era identificar os significados dos ritos Krahô —pretendo isolar os sentimentos as ideias que seus ritos expressam e relacioná-los aos restantes dos elementos componentes do sistema sociocultural Krahôll, pois, geralmente o sentido de um ritual não é consciente para aqueles que o executam, não sendo possível atingir os significados dos rituais simplesmente fazendo perguntas aos indígenas sobre o sentido de suas ações como: por que o *patrè* resmunga uma determinada cantiga diante das toras quando vai verificar o prepúcio dos meninos no ritual de Jàtjõ pĩn? Não temos a resposta, entretanto, segundo Melatti, ao compararmos a mesma ação efetivada em situações diferentes torna-se possível verificar um significado para essa ação.

Para os Krahô, quando a criança morreu logo após o parto, ou quando nasce morta, é enterrada atrás de casa. Se morrerem mãe e filho durante o parto, a mãe é enterrada no cemitério, mas a criança é atrás da casa. Quando apenas a mulher morre no parto, a criança será criada pela avó ou parente mais próximo. Já quando morre um homem Krahô, a herança é deixada para a esposa e os filhos. Porém todos os objetos pertencentes ao morto, tais como roupa, esteira, rede, prato, colheres, cabaças, copo de beber água, ou seja, tudo que pertencia ao morto é levado para o cemitério e deixado sobre o túmulo.

Para Cunha(1987 ), como entre os Canela e os Apinayé, se o morto morreu com fome, após ter passado por vários dias de agonia, sem comer, seu *karõ* há de vir pedir por intermédio

de um curador, uma última refeição. Poderá, nesta ocasião, encomendar o cardápio de sua preferência: berubu (23) de macaxeira, peixe, paca, veado, arroz, sem esquecer o fumo tão apreciado. Ou então o próprio curador irá propor ao *karõ* uma refeição tentadora. O preparo desta refeição póstuma compete à casa do luto que será normalmente a das consanguíneas. Novamente torna-se relevante, no caso de um homem, o estágio no ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico e a proximidade dos consanguíneos de que ainda o morto dispunha.

Os relatos aqui expostos permitem, apesar das lacunas de informação pertinentes, apresentar aspectos culturais das práticas funerárias do Povo Krahô. As descrições permitem identificar os lugares de sepultamento, o uso do território, as circunstâncias culturais e ancestrais de uso, as mudanças ocorridas e, sobretudo, se aperceber da humanidade dos povos indígenas por meio do cuidado com os mortos e a morte, procurando manter o equilíbrio das relações socioculturais na aldeia e para além dela. Com base nessa premissa, cabe uma reflexão acerca das possibilidades de verificação desses contextos no registro arqueológico do povo Krahô.

#### **4- MATERIAL E MÉTODOS**

Este estudo sobre os rituais funerários do povo Krahô utilizou uma abordagem qualitativa e bibliográfica. O processo começou com a seleção e revisão da literatura relevante, focado em obras de autores como Cunha, Melatti, Turner, e outros que estudaram os rituais e práticas funerárias. A análise concentrou-se na identificação e compreensão dos elementos centrais dos rituais funerários, incluindo suas fases e significados, com base nas descrições fornecidas por esses autores. Foi realizada uma comparação das práticas funerárias dos Krahô com as de outros povos indígenas, como os Apinayé, para destacar particularidades e semelhanças. O registro dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, fundamentada na literatura revisada e ajustada ao contexto cultural dos Krahô. Por fim, o estudo refletiu sobre as possibilidades de verificar esses contextos no registro arqueológico, considerando a importância dos rituais para a preservação das tradições culturais.

#### **5- RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O estudo sobre os rituais funerários dos Krahô revela que esses rituais desempenham um papel crucial na integração social e na manutenção da identidade cultural da comunidade. Os rituais, que incluem um extenso período de luto e práticas como o "choro das mulheres", seguem um processo de passagem que envolve três fases: separação, eliminação e reintegração. Essas fases, descritas por Victor Turner, refletem a transição do falecido para o mundo dos ancestrais e o retorno dos vivos à rotina. O "choro das mulheres" é um elemento central, simbolizando não apenas a dor pessoal, mas também a reafirmação dos laços comunitários e culturais. Os cemitérios e os rituais funerários são vistos como espaços de memória e identidade, refletindo a crença na continuidade da vida após a morte e o respeito pelas tradições. Os rituais não só marcam a separação entre

vivos e mortos, mas também reforçam a coesão social e a continuidade cultural dos Krahô, evidenciando a importância das práticas culturais na vivência do luto e na perpetuação dos valores comunitários.

## **6- CONCLUSÃO**

O estudo dos rituais funerários dos Krahô, com destaque para o "choro das mulheres", oferece uma visão profunda da importância dessas práticas para a coesão social e a preservação da identidade cultural da comunidade. Esses rituais vão além da mera despedida, constituindo um processo complexo que envolve a transição do falecido para o mundo dos ancestrais e a reintegração dos vivos em suas rotinas cotidianas. A análise revela que os rituais de luto dos Krahô são estruturados em um ciclo de três fases: separação, eliminação e reintegração. Esses estágios, conforme a teoria de Victor Turner, destacam a passagem do falecido para o mundo dos ancestrais e a reintegração dos vivos na vida cotidiana. O "choro das mulheres" desempenha um papel vital nesse processo, não apenas como uma expressão de dor, mas também como uma reafirmação dos laços sociais e da continuidade cultural. Além de simbolizar a perda, esse ritual reforça a identidade coletiva e as tradições da comunidade.

Os cemitérios e os rituais funerários, que incluem o enterro de objetos pessoais com o corpo, são mais do que simples locais de sepultamento; são espaços de memória e identidade. Essas práticas refletem a crença na continuidade da existência e o respeito pelos mortos, mantendo viva a conexão entre os vivos e os ancestrais.

Portanto, a compreensão dos rituais funerários dos Krahô revela como a morte é integrada à vida social e espiritual da comunidade, evidenciando a importância das práticas culturais na vivência do luto e na perpetuação dos valores comunitários. Esses rituais não são apenas manifestações de dor, mas também momentos de reafirmação da identidade coletiva e da continuidade cultural, refletindo a riqueza e a complexidade das tradições dos Krahô. O estudo ressalta a necessidade de registrar e refletir sobre esses contextos culturais, garantindo que as tradições e conhecimentos dos Krahô sejam valorizados e preservados para as futuras gerações.

## **7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CASTRO, Elisiana Trilha. **Aqui também jaz um patrimônio: identidade, memória e preservação patrimonial a partir do tombamento de um cemitério (o caso do**

**Cemitério do Imigrante de Joinville/SC, 1962-2008**). 2008 Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

CUNHA, Manuela Carneiro. *Os Mortos e Os Outros*. São Paulo: Hucitec, 1978

GIRALDIN, Odair. **A morte, o morrer e o morto entre os Timbira**. Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, em São Paulo, SP, Brasil. 2012.

MELATTI, Júlio C. **Ritos de Uma Tribo Timbira**. São Paulo: Ática, 1978.

MENEZES, Rachel Aisengart; GOMES, Edlaine de Campos. **“Seu funeral, sua escolha”:** **rituais fúnebres na contemporaneidade**. Revista de Antropologia. Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, Vol 54(1), janeiro-junho, 2011, São Paulo, p.89-132. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/38585>

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna 1986 – **Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo, Loyola.

SILVA, Rubens Alves da. Entre “Artes” e “Ciências”: **A noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, nº. 24 (Jul-Dez 2005) p 35-65.

SOUZA, Angelita Borba de. **Morte e Luto não Ritualizados: Reflexos na Sociedade pós Pandemia**. Criciúma-SP: Unesc, 2020.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

## **Agradecimentos**

Agradecemos, primeiramente, ao povo Krahô, por compartilhar seu conhecimento e permitir que suas tradições culturais sejam estudadas e valorizadas. Reconhecemos também a contribuição dos estudiosos que forneceram as bases teóricas para esta pesquisa, em especial Victor Turner, Cunha e Melatti. Agradecemos aos professores e alunos das escolas Krahô pela colaboração na elaboração de materiais didáticos que ajudarão a manter viva a cultura e os saberes tradicionais. Por fim, agradecemos a todos que, de forma direta ou indireta, apoiaram e contribuíram para o desenvolvimento deste estudo, em especial ao Professor Dr. Francisco Edvirges Albuquerque.

